

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades
4 a 6 de agosto de 2014
Universidade Federal do Espírito Santo
GT 01 - Africanidades e Brasilidades em Literaturas

José Craveirinha e Bruno de Menezes: espaços discursivos sobre a cultura negra

Iza Reis Gomes Ortiz¹

Resumo

Neste artigo, pretende-se analisar os espaços discursivos construídos nas poesias do moçambicano José Craveirinha e do brasileiro Bruno de Menezes, na tentativa de verificar como o negro é representado em espaços e tempos diferentes. Os dois autores produzem uma poética expressiva e temática. Bruno de Menezes, representante da poética amazônica, e José Craveirinha, dono de uma poética de resistência e de denúncia social, condicionado ideologicamente pela política, cultura e sociedade colonizada.

Palavras-chave: José Craveirinha. Bruno de Menezes. Cultura negra. Literatura.

Introdução

Reconstruir uma cultura e uma identidade é uma luta diária e persistente. Os países que foram colonizados, depois da independência passam por esse processo, o de tentar reconstruir a sua cultura inserindo todos os elementos de raiz. E a Literatura não poderia ser diferente, segundo Francisco Noa,

A literatura é, para todos os efeitos, um processo de reescrita, quer de outras escritas quer do mundo de que se faz parte. Trata-se também de um processo de apropriação que concorre inevitavelmente para a afirmação de uma determinada especificidade criativa, seja ele individual, seja ela coletiva, retomando e recriando linguagens, temas, estilos e tradições (Anais do XXIII Congresso Internacional da ABRAPLIP).

¹ Doutoranda em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM; Professora do Instituto Federal de Rondônia - IFRO; Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Instituto Federal de Rondônia – NEABI; E-mail: iza.reis@ifro.edu.br

José Craveirinha constrói em suas poesias, espaços para as vozes dos excluídos, representa uma “África” guerreira, bela, cheia de cultura, vida e sede por liberdade, por gritar ao mundo sua identidade cultural, clama por um espaço discursivo sobre a cultura negra.

Façamos uma viagem agora à Amazônia, especificamente, o Estado do Pará, para conhecer Bruno de Menezes, um poeta paraense que cantou o negro em seu livro “Batuque”. Nesta obra, o poeta amazônida versou sobre o negro no Brasil, apresentou a cultura, as festas, a religião, a sensualidade da cultura negra. Pertencente à segunda geração do Modernismo Brasileiro, Bruno de Menezes não obteve um reconhecimento comparado a outros poetas da época. Podemos justificar este não reconhecimento pela região que pertencia, o Norte, a Amazônia. Infelizmente, ainda há uma grande distância entre os centros de publicação do Brasil e a região Norte. Este artigo também é uma forma de divulgar este autor e um passo para conhecermos esta obra que é parte de nossa identidade nacional e cultura brasileira.

José Craveirinha e Bruno de Menezes cantaram a cultura negra em seus poemas, em contextos, espaços e tempos diferentes. Pretendemos aqui, apresentar como isto aconteceu através da análise de dois poemas.

José Craveirinha e o homem africano: corpo e alma na cultura africana

Craveirinha é dono de uma poeticidade singular. Este escritor poeta procurou aliar a sonoridade e a oralidade moçambicana à escrita, ao literário oficial. Em suas poesias, a identidade cultural moçambicana está estampada nos termos da língua ronga, na sonoridade da linguagem poética, além de perpassar pela questão política, social, histórica.

O colonialismo não se satisfaz em prender o povo nas suas redes, em esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e de todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido e o distorce, desfigura, aniquila.

E assim sendo, uma forma de lutar contra a colonização é utilizar-se da literatura como ferramenta de sonho, imaginação e de busca pela cultura presente na História e na língua moçambicana.

O controle dos colonizadores exercia-se não só no espaço, mas nas ideias, na cultura, na língua. Segundo palavras do próprio José Craveirinha, a poesia é uma forma de ser moçambicano, mostrar a moçambicanidade ao mundo: “Escrever poemas, o meu refúgio, o meu País também. Uma necessidade angustiosa e urgente de ser cidadão desse País, muitas vezes altas horas da noite” (1989).

O poema que analisaremos evidenciará os elementos constitutivos de uma cultura rica e será a base para discutirmos os espaços discursivos sobre a África e a construção da cultura moçambicana.

<p>África, por José Craveirinha</p> <p>Em meus lábios grossos fermenta a farinha do sarcasmo que coloniza minha Mãe África e meus ouvidos não levam ao coração seco misturado com o sal dos pensamentos a sintaxe anglo-latina de novas palavras.</p> <p>Amam-me com a única verdade dos seus evangelhos a mística das suas missangas e da sua pólvora a lógica das suas rajadas de metralhadora e encham-me de sons que não sinto das canções das suas terras que não conheço.</p> <p>E dão-me a única permitida grandeza dos seus heróis a glória dos seus monumentos de pedra a sedução dos seus pornográficos Rolls Royce e a dádiva quotidiana das suas casas de passe. Ajoelham-me aos pés dos seus deuses de cabelos lisos</p>	<p>e na minha boca diluem o abstracto sabor da carne de hóstias em milionésimas circunferências hipóteses católicas de pão.</p> <p>E em vez dos meus amuletos de garras de leopardo vendem-me a sua desinfectante benção a vergonha de uma certidão de filho de pai incógnito uma educativa sessão de «strip-tease» e meio litro de vinho tinto com graduação de álcool de branco exacta só para negro um gramofone de magaiça um filme de heróis de carabina ao vencer traiçoeiros selvagens armados de penas e flechas e o ósculo das balas e aos gases lacrimogéneos civiliza o meu casto impudor africano.</p> <p>Efígies de Cristo suspendem ao meu pescoço rodela de latão em vez dos meus autênticos mutovanas da chuva e da fecundidade das virgens do ciúme e da colheita de amendoim novo.</p>	<p>E aprendo que os homens que inventaram A confortável cadeira eléctrica a técnica de Buchenwald e as bombas V2 acenderam fogos de artifício nas pupilas de ex-meninos vivos de Varsóvia criaram Al Capone, Hollywood, Harlem a seita Ku-Klux Klan, Cato Mannor e Sharpeville e empenharam o pássaro que fez o choco sobre o ninho morno de Hiroshima e Nagasaki conheciam o segredo das parábolas de Charlie Chaplin lêem Platão, Marx, Gandhi, Einstein e Jean-Paul Sartre e sabem que Garcia Lorca não morreu mas foi assassinado são os filhos dos santos que descobriram a Inquisição perverteram de labaredas a crucificada nudez da sua Joana D’Arc e agora vêm arar os meus campos com charruas «made in Germany» mas já não ouvem a subtil voz das árvores nos ouvidos surdos do espasmo das turbinas não lêem nos meus livros de nuvens</p>
---	--	--

o sinal das cheias e das secas
e nos seus olhos ofuscados pelos clarões metalúrgicos
extinguiu-se a eloquente epidérmica beleza de todas as cores das flores do universo
e já não entendem o gorjeio romântico das aves de casta
instintos de asas em bando nas pistas do éter
infalíveis e simultâneos bicos trespassando sôfregos
a infinta côdea impalpável de um céu que não existe.
E no colo macio das ondas não adivinham os vermelhos sulcos das quilhas negreiras e não sentem

como eu sinto o prenúncio mágico sob os transatlânticos
da cólera das catanas de ossos nos batuques do mar.
E no coração deles a grandeza do sentimento é do tamanho cow-boy do nimbo dos átomos desfolhados no duplo rodeo aéreo do Japão.

Mas nos verdes caminhos oníricos do nosso desespero
Perdoem-lhes a sua bela civilização à custa do sangue
ouro, marfim, amens e bíceps do meu povo.

E ao som másculo dos tantãs tribais o eros

do meu grito fecunda o húmus dos navios negreiros...

E ergo no equinócio da minha Terra
o moçambicano rubi do mais belo canto xi-ronga
e na insólita brancura dos rins da plena Madrugada a necessária carícia dos meus dedos selvagens é a táctica harmonia de azagaias no cio das raças belas como altivos falos de ouro
erectos no ventre nervoso da noite africana.

(CRAVEIRINHA, José. Xigubo. Lisboa: Edições 70,. p.15-17)

José Craveirinha assume um lugar de luta e construção cultural identitária através do poema da, ocupa um lugar que vai contra o discurso oficial do colonizador. É o espaço discursivo onde o colonizado poderá desconstruir a imagem que o colonizador desenhcou, transformando-a num desejo de liberdade, de reterritorialização, uma ação após a colonização. O próprio título “África” já evoca o espaço, o lugar, “vou falar de minha mãe África”, é uma relação de pertencimento, de valoração do lugar. Portugal está representado na primeira estrofe como “a sintaxe anglo-latina de novas palavras”, há uma negação em aceitar a língua do colonizador. Craveirinha foi um dos poetas que lutou pelas expressões moçambicanas, pelo som da língua ronga. São muitas as palavras de expressão africana que encontramos em sua poesia. Mas vale pontuar que o poeta utilizou a Língua Portuguesa para chegar a todos, tanto portugueses quanto moçambicanos. Craveirinha sabe do hibridismo, reconhece que não pode negar a cultura do outro, por isso utiliza a Língua Portuguesa para se expressar, para constituir-se como sujeito de uma identidade contestadora, reformula sua língua ao mesclar termos do ronga com a língua de Portugal.

E José Craveirinha apresenta o seu espaço “África” como algo híbrido, misturado, mesclado. A língua utilizada é a língua portuguesa, por mais que utilizem os termos da língua ronga, Craveirinha tem a consciência de que não

poderia ir contra a língua portuguesa de Portugal, mas se unir à língua de origem, realizar a mistura, a hibridização.

O espaço no poema pode ser percebido em duas representações de pertencimento: o que é do outro, do colonizador, expressões, imagens, fatos históricos, metáforas que representam o espaço do colonizador:

Seus evangelhos / suas miçangas / sua pólvora / suas rajadas de metralhadora / canções de suas terras que não conheço / seus heróis / seus monumentos de pedra / seus pornográficos Rolls Royce / suas casas de passe / seus deuses de cabelos lisos /

E o que é do colonizado, do cativo, do dominado:

Meus lábios grossos / Minha mãe África / não sinto / não conheço / dão-me / ajoelham-me / meus amuletos de garras de leopardo / civiliza o meu casto impudor africano / meus autênticos mutovanas da Chuva e da fecundidade das virgens do ciúme e da colheita de amendoim novo / meus campos / meus livros de nuvens / minha terra.

As referências ao espaço do colonizador incomodam o poeta, são realidades não desejáveis para o seu espaço, para a sua cultura. Não representa a cultura do homem negro.

E aprendo que os homens que inventaram A confortável cadeira eléctrica a técnica de Buchenwald e as bombas V2 acenderam fogos de artifício nas pupilas de ex-meninos vivos de Varsóvia criaram Al Capone, Hollywood, Harlem	a seita Ku-Klux Klan, Cato Mannor e Sharpeville e empenharam o pássaro que fez o choco sobre o ninho morno de Hiroshima e Nagasaki conheciam o segredo das parábolas de Charlie Chaplin lêem Platão, Marx, Gandhi, Einstein e Jean-Paul Sartre	e sabem que Garcia Lorca não morreu mas foi assassinado são os filhos dos santos que descobriram a Inquisição perverteram de labaredas a crucificada nudez da sua Joana D'Arc e agora vêm arar os meus campos com charruas «made in Germany»
---	--	--

O poeta não aceita a dominação do colonizador, ou melhor, dos colonizadores, o poeta não se limita a Portugal, mas faz referências a vários

outros espaços do mundo que minaram um povo, destruíram sonhos, retiraram a liberdade, segregaram pela diferença, impuseram uma visão única, a considerada por eles. E José Craveirinha se questiona como eles (colonizadores) leem Platão, Marx, Gandh, Einstein e Jean-Paul Sartre, e são os mesmos que criaram a “confortável cadeira elétrica”, presença da ironia de Craveirinha, fazendo referência à América; “a técnica de Buchenwald e as bombas V2”, um diálogo histórico com Buchenwald, um campo de concentração na época do nazismo, um lugar que evocava a destruição, um espaço em que comunistas, judeus, testemunhas de Jeová, ciganos e homossexuais eram obrigados a trabalhos forçados, uma referência à Alemanha; “acenderam fogos de artifício nas pupilas de ex-meninos vivos de Varsóvia”, novamente, evoca-se o espaço dos norte-americanos no tempo da Segunda Guerra mundial; “criaram Al Capone, Hollywood, Harlem, a seita Ku-Klux Klan, Cato Mannor e Sharpeville”, refere-se à segregação racial, massacre, racismo; “e emprenharam o pássaro que fez o choco sobre o ninho morno de Hiroshima e Nagasaki”, referência à bomba lançada sobre Hiroshima e Nagasaki, na Segunda Guerra mundial.

Vemos desta forma que os espaços que Craveirinha evoca são incômodos, e são espaços disfóricos, que perturbam a ideia de liberdade, dificultam o desejo de luta social, política, econômica e cultural de Moçambique. Mas são espaços que retratam uma problemática mundial, o poeta não se limitou ao seu espaço, mas apresentou uma visão holística.

Craveirinha constrói um diálogo de espaços em que predomina a História da destruição, da segregação, do não respeito à diferença. E esses espaços construídos pelos colonizadores/invasores indicam uma não aceitação do outro. Podemos analisar os versos de Craveirinha como um conjunto de espaços e épocas justapostos, próximos e longínquos, circunvizinhos e dispersos. O poeta moçambicano se destaca pela sua construção social e poética, envolvendo os problemas tanto da África, seu espaço, como os problemas de outros lugares. É um poeta do mundo, não se prende apenas aos espaços locais, mas tem um olhar abrangente, consegue construir uma rede de espaços e tempos que incomodam o colonizado africano por ser algo ruim e também incomoda o colonizador, pois mostra a ação destes quando invadem um espaço para colonizar.

E ergo no equinócio da
minha Terra
o moçambicano rubi do
mais belo canto xi-ronga
e na insólita brancura dos
rins da plena Madrugada

a necessária carícia dos
meus dedos selvagens
é a tática harmonia de
azagaias no cio das raças
belas como altivos falos de
ouro

erectos no ventre nervoso
da noite africana.

E esta última estrofe, enaltece o ‘moçambicano rubi’, ou seja, o mais valioso moçambicano, o valente, o forte, o viril. Insere no espaço português expressões da língua ronga, metaforiza um ato sexual entre a língua ronga e a língua portuguesa. Há um sentido de fecundar o navio negreiro com a cultura, a música, o grito de guerra, tornando o espaço flutuante em um lugar de sentidos móveis, perpassado pela dominação, submissão e desejo de liberdade.

Desta forma, José Craveirinha provoca em seu poema o entrelaçamento do espaço moçambicano com o espaço português, mas sem negar totalmente, faz uma nova imagem, uma nova identidade cultural misturando as culturas do dominador e do dominado. Terminamos estas reflexões com o poema “Inclandestinidade”, do livro Cela I. Este demonstra como ficou o povo português, subversivo, mas na legalidade, no hibridismo cultural.

Inclandestinidade

Cresci.
Minhas raízes também
E tornei-me um subversivo
Na genuína legalidade.

Foi assim que eu
Subversivamente
Clandestinizei o governo
Ultramarino português.

Foi assim!
(1980, p. 85).

Bruno de Menezes: denúncia e exaltação numa cadência lírica

O poeta paraense Bruno de Menezes representa uma voz que foi esquecida pelo cânone brasileiro. Um escritor da Região Norte que produziu na fase do Modernismo. E uma temática abordada por ele foi a Cultura Negra, uma Literatura Afro-brasileira. Na fase do Modernismo Brasileiro, tinha-se a ideia de se trabalhar com a identidade e a cultura local, dando um olhar mais pontual ao território nacional. Daí a escrita sobre o negro, sobre a História dos escravos, uma recorrência necessária à África. Mas ressaltamos que esta temática não estava no projeto do Modernismo Brasileiro, mas se inseriu por ser considerada uma temática marginal.

Bruno de Menezes, consciente deste fato, escreve sobre o negro. O livro “Batuque” é a concretização desta busca de identidade, de falar sobre o país de origem, de ressaltar a cultura afro-brasileira. Este livro foi uma verdadeira vitória da Literatura Afro-brasileira, paraense e amazônida, pois temos o seguinte quadro: um negro pobre, pertencente à região norte que escreveu sobre o negro, um sujeito marginalizado. Temos um sujeito marginal que tenta dar visibilidade a outro sujeito marginalizado, o negro. Vemos nesta configuração uma verdadeira representação de classes e representações sociais que lutam por um lugar, anseiam serem ouvidas e reconhecidas como qualquer outra.

Analisamos o poema “Bruxinha baiana”, por se tratar de uma representação do sujeito negro e sua história, retirado do livro “Batuque”.

Bruxinha Baiana

(Para as minhas filhas
Marília e Lenôra)

Tenho uma bruxinha de
carne de pano
que usa cabelo feito de
retrós.

Parece que foi noutra
tempo mucama,
porque nós fazemos
com a pobre bruxinha
o que não se faz com todo
o cristão.

O mais engraçado
é que ela parece ter alma
ter vida.

Seu corpo de pano
em certos instantes
tem toda a expressão dos
nossos movimentos.

Por isso é que eu penso:
— ela foi mucama.
Não chora não grita não
olha pra gente
se fica esquecida
num canto no chão.

Sua única roupa é um traje
à baiana.
E nós ajeitamos o seu
cabeção
e sua sainha de chita
florida
que a Carmen Miranda
se visse a bruxinha
iria com ela também
batucar.

Nem mesmo boneca
sabemos chamá-la.
Não tem qualquer nome
de "estrela" de fama no céu
do cinema.

É a nossa "bruxinha" sem
outro apelido,
que até os meus manos
em louca peteca
às vezes transformam se
querem brincar.

Andando aos boléus
aos troncos da sorte
quem sabe se a nossa
bruxinha, coitada,
não é a mucama
que o fado o destino
jogaram no mundo
para andar assim?...

Publicado no livro Batuque:
poemas (1939).

In: MENEZES, Bruno de.
Obras completas. Belém:
Secretaria de Estado da
Cultura, 1993. v.1, p.263-
264. (Lendo o Pará, 14

Neste poema, o eu-lírico apresenta uma personagem, uma hibridização entre ficção e realidade, entre brincadeira e vida real, entre carne e pano. Na descrição da “bruxinha baiana”, identificamos uma característica africana: cabelo retrós. No decorrer do poema, há um diálogo com o passado, com uma posição ocupada pela mulher negra, representada através da boneca: “*parece que foi*

noutro tempo mucama". Parece que o poeta reflete sobre as posições que a mulher negra ocupou no decorrer do tempo; no passado foi mucama, escrava; no presente, uma boneca para brincar, sem luxo, sem identidade, apenas um objeto. Ser mucama no passado justificou-se pela ação de se fazer o que querem com a 'bruxinha', ou seja, um objeto de diversão. Nesse ponto, identificamos a subalternidade deste sujeito, uma mulher que serviu como escrava, como objeto sexual, como objeto de brinquedo.

Na segunda estrofe, há uma antropomorfização, o eu-lírico coloca vida e alma na "bruxinha", por ter movimentos parecidos com o do homem negro. E continua a questão da subalternidade, uma bruxinha que parece ser mucama por não se mexer, não falar, não chorar e nem gritar. Ser mucama carrega toda uma carga semântica de sofrimento, de tristeza, de subalternidade, sem voz e sem vez. Na quarta estrofe, temos um ponto positivo representando a cultura negra: o batuque, a dança, a música. E o poema finaliza novamente recuperando a comparação com a mucama, questionando sobre uma transformação, uma boneca que era mucama.

O poema de Bruno de Menezes recupera uma história temporal sobre a mulher negra, mas acima de tudo, nos coloca diante de uma situação que requer uma nova leitura, uma visão mais estratégica sobre o/a homem/mulher negro(s). Ser mulher ou homem negro já carrega toda esta carga semântica de sofrimento, de tristeza, de subalternidade, de inferioridade? Não podemos esquecer que esta visão, esta análise foi criada pelo Eurocentrismo, pela visão do homem branco. Bruno de Menezes nos coloca uma situação, um questionamento sobre esta posição. Não há uma certeza, mas um convite à reflexão. Menezes não encerra seu poema, deixa aberto ao leitor para que possamos nos indagar sobre a História do homem negro, da mulher negra.

Algumas considerações

Inegavelmente, há um diálogo entre os dois autores, a temática africana perpassa pelos dois poemas, a lírica é de sofrimento e angústia. Mas a posição diante da situação do negro é diferente. José Craveirinha é mais enfático, mais carnal, mais sentimental. Isso se explica pelo contexto histórico em que viveu e escreveu seus poemas. Em plena fase de colonização e pós-colonialismo, Craveirinha produziu seus poemas. Uma lírica efervescente em que alma e carne estão juntas. Já Bruno de Menezes produz uma lírica questionadora, reflexiva, mas sem um envolvimento de luta pela liberdade física; trabalhou mais a liberdade escrita, de expressão. Não avaliamos ou enaltecemos um dos dois poetas, apenas demonstramos que há posições de escrita e de falar sobre a cultura negra, diversas, olhares diferentes para uma História que precisa ser reescrita pelo próprio negro. Esta análise busca iniciar um estudo comparativo entre os dois poetas, numa abordagem discursiva e social, tentando identificar a produção lírica e suas nuances sociais.

Referências

- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CRAVEIRINHA, José. **Xigubo**. Lisboa: Edições 70, 1980a.
- _____. **Cela I**. Lisboa: Edições 70, 1980b.
- _____. **Karingana ua karingana**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005
- GOMES, Simone Caputo. **Caminhos da Negritude na Poesia Moçambicana**. Disponível em www.simonecaputogomes.com/textos/negritude.doc - Cabo Verde acesso em 08.02.2012
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- MENEZES, Bruno de. **Batuque**. 5 ed. Pará. Belém. 1967.

